

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
MARIA DO CÉU CELESTE ROSAS
DE MELO

Registada em 29/09/2009 por
CLÁUDIA SIMÕES E JOANA RIBEIRO

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Ascendência: Alfredo da Silva Melo e Rosa Celeste Rosas de Melo
- 05 Educação: *"Se não tenho um curso superior, foi porque não quis"*
"Nunca convivi com crianças daqui"
"Deus me livre que algum mal acontecesse à menina"
- 08 Percurso profissional: *"Vinham aqueles barcos grandes descarregar para o rio"*
- 08 Casamento: *"Não podia ter convivência com ninguém"*
- 09 Descendência: *"Deus deu-me este filho"*
- 09 Quotidiano: *"Venho abrir a loja e leio o meu jornal"*
- 10 Rua: *"Casa sim, casa sim era tudo comércio"*
"Havemos de ter melhores dias"
- 11 Animação: *"Distribui cartões por aqui por acolá"*
- 11 Loja: *"Ele já sabia que eu o que queria eram hóstias"*
"Ele foi ver como era para fazer igual"
O comércio tradicional tem por norma atender bem
- 15 Clientes: *"Nem sabemos que eles são padres"*
- 16 Produtos: Os produtos mais vendidos
- 16 Avaliação: A internet como publicidade

MARIA DO CÉU CELESTE ROSAS DE MELO



Maria do Céu Melo (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

Maria do Céu Celeste Rosas de Melo, nasceu em Melcões, Lamego, no dia 15 de Agosto de 1939. Filha de Alfredo da Silva Melo e de Rosa Celeste Rosas de Melo, foi criada por um dos fundadores da Casa Coração de Jesus, *“tratava-os por padrinhos”*.

Depois da quarta classe *“não quis estudar mais porque tinha medo e estava a gastar dinheiro.”* Recorda os tempos em que ficava a ver o descarregar dos barcos no Rio Douro. *“Eram barcos brancos e pretos. Sabia o nome deles todos.”*

Casou e passados dois anos teve o Miguel, o filho de quem muito se orgulha.

Actualmente divide o seu tempo entre a Casa Coração de Jesus, a família e a Conferência de São Vicente de Paulo.

Ascendência

Alfredo da Silva Melo e Rosa Celeste Rosas de Melo

O meu pai chamava-se Alfredo da Silva Melo. Era natural de Melcões. E a minha mãe Rosa Celeste Rosas de Melo, natural do Porto. A minha mãe, entre várias coisas, lembro-me de ouvir dizer que foi funcionária no teatro Rivoli. O meu pai, agricultor, veio cá ao Porto, a minha mãe parece que morava perto daqui e numa das idas dele ao Rivoli apaixonaram-se.

Educação

“Se não tenho um curso superior, foi porque não quis”

O fundador desta loja era meu padrinho que eu não cheguei a conhecer, com muita pena minha. Uma neta dele, portanto filha de um dos sócios daqui da casa gostava muito de mim, ela tinha uma casa de férias em Lamego. Gostava de mim porque eu era uma pequenita toda mexida. Pediram aos meus pais para me deixarem vir e eles disseram que sim. Na altura, claro, a vida cada vez estava pior.

Já estava projectado um irmão meu que ainda é vivo e ela deixou-me vir, com 3 anos. Fiquei para sempre. Eles criaram-me, educaram-me. Se não tenho um curso superior, foi porque não quis estudar mais. Mas, graças a Deus, frequentei sempre bons colégios.

A minha madrinha era dona de casa e depois veio para aqui. Morava num palacete que há atrás da Sé, virado para a ponte. Uma casa grande que agora está para vender. Essa é que era a casa dos fundadores aqui da loja.

O padrinho, quem me criou, era vendedor. Tratava-os por padrinhos. Era vendedor de várias coisas, a última foi de vinhos. Ele não tinha negócio, era vendedor. Fazia assim: visitava os clientes e depois chegava a casa fazia as notas de encomenda e ia entregar ao patrão, à casa que ele representava. Depois eles distribuíam.

Era uma pessoa encantadora. Tinha um dom, uma piada, mas piada no bom sentido. De tudo fazia uma festa. Mas depois adoeceu. Deram-lhe uns ataques epilépticos e ele mudou totalmente. Curou-se, mas mudou totalmente.

Ele é que se apaixonou pela minha madrinha. Até nem foi cá. Foi lá em cima em Lamego, em Britiande. De princípio o meu padrinho tinha uma fábrica de guarda-sóis na Rua da Fábrica com o padraço. Quem fornecia as sedas naturais era um tio do meu padrinho por afinidade, portanto irmão do padraço. Ele fazia as sedas para os guarda-sóis, sedas naturais, e fazia as sedas para cá para a loja. Então, um dia, o tio Manuel, o pai da minha madrinha, levou-o lá acima a Britiande foi aí que ele se apaixonou pela minha madrinha. Ela era a dona da casa. O pai, o tio Manuel, aos 18 anos entregou-lhe as chaves, o governo da casa.

"Nunca convivi com crianças daqui"

Não brincava com ninguém, brincava eu sozinha nos quintais. Tinha o quintal grande que tinha certas flores que eu podia mexer, noutras não. Então, fazia jantarinhos com as ervinhas, com isso tudo. Fazia altares com os santinhos e com essas florinhas que eu podia cortar, podia mexer. Era assim que eu brincava.

Nunca convivi com crianças daqui. O que eu sei é que elas saíam da escola e vinham pela rua abaixo para jogar à bola num larguito. Brincavam na rua, coitadinhos, pois não tinham onde brincar, era na rua. Depois ouvia-se a campainha da escola e eles lá iam outra vez a correr para as aulas.

"Deus me livre que algum mal acontecesse à menina"

Estudei. Primeiro fui para o Colégio Moderno que já não existe, era em Barão Forrester. Passa-se uma ponte de linha do comboio, agora metro. Era aí do lado esquerdo. Lembro-me muito bem do Colégio. Ia com as minhas primas, com duas filhas do outro Melo. Mas pequenita tive uma crise de reumatismo e só andei lá o primeiro trimestre. Depois, como tive essa crise, a madrinha tinha medo - Deus me livre que algum mal acontecesse à menina - pronto, pôs-me em casa com uma professora. Portanto, fiz a primeira, segunda e terceira classe em casa. Havia a escola da Sé e as professoras nos intervalos... havia uma que dava aulas de manhã e havia outra que dava de tarde. Portanto, a que dava de manhã vinha. E foi assim que eu fiz a primeira,

segunda e terceira classe. Depois a quarta e admissão que, na altura havia, fui para o Colégio da Esperança, em São Lázaro. Reprovei na admissão, não quis estudar mais porque tinha medo e estava a gastar dinheiro.

Tornei-me um bocado rebelde. Não queria fazer nada, porque entendia que se a madrinha tinha criadas eu não havia de fazer nada. Mas ela entendeu que eu havia de ser alguém na vida, quanto mais não fosse uma boa dona de casa. Como tinha jeito para bordados, rendas e assim, para trabalhos de mão, então de castigo meteu-me ali em Vilar, no Instituto Arcediogo Vanzeller que na altura era o asilo de Vilar. A menina dos Senhores Melos, Deus me livre! Mas eu entendia que havia de fazer tudo lá. Um dia ela chega e vê-me descalça a lavar as escadas.

Foi um pandemónio, o ralhete que ela deu às irmãs. Mas pronto, eu achava que tinha que ser igual às outras que lá estavam. Lá por elas serem pobres e eu ser assim um bocadinho mais, entendia que havia... O meu padrinho andava sempre lá a ver-me. O meu padrinho adorava-me. Andava sempre a visitar-me e um dia pediu à irmã de quem eu gostava muito que foi para mim a minha mãe lá dentro:

- "Ó Madre Sousa, veja se a Maria do Céu tira ao menos a admissão que eu depois meto-a noutra colégio para seguir."

Bem, ela tanto andou, foi espectacular. Começou-me a chamar para a sala de aulas para eu corrigir ditados, para eu fazer assim um certo número de coisas até que eu comecei a ganhar vontade por aquilo. E ela um dia disse:

- "Olha, eu vou-te propor para exame."

- Oh, mas e tal...

- *"Tem paciência, eu vou-te propor para exame."*

Então, naquela altura, eu dediquei-me mais aos livros. Bem, lá fiz o exame, passei. Passei na admissão com dispensa da oral, portanto, foi logo na escrita. Pronto aperfeiçoei as minhas mãos e essa coisa toda. Eu hoje sei fazer tudo graças a Deus. Sabia, agora não sei se saberei. Só não sei bordar a ouro porque isso já era um escalão diferente. Infelizmente vim-me embora dali. Tive muitas saudades. Foram dois anos maravilhosos.

Saí dali, fui para a Bonança, para Gaia, e estive lá cinco anos. Não consegui fazer o quinto porque a malandrice era muita. Eu depois com medo e já com um outro pensar, um pensar já mais pesado, entendi que não havia de estar a gastar mais dinheiro aos meus padrinhos e vim para casa e tirei o curso de dactilografia.

Percurso profissional

"Vinham aqueles barcos grandes descarregar para o rio"

Estive empregada nos correios, na telefónica na parte internacional e depois, mais tarde, fui para o Ramos Pinto e estive lá até vir para esta loja. Eu sou do tempo em que vinham aqueles barcos grandes descarregar para o rio.

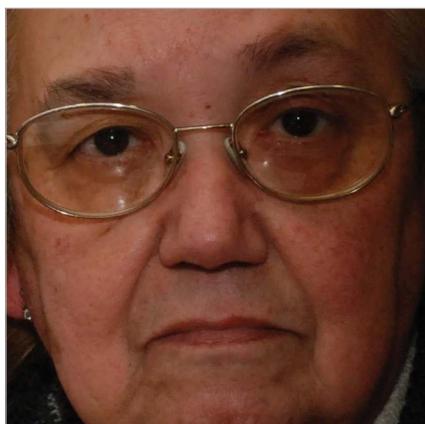
Entretinha-me muito, punha-me no muro do quintal a ver. Eram barcos brancos e pretos. Sabia o nome deles todos. Então, via descarregar os carros para as barcaças e depois as barcaças levavam aquilo embora. Havia muitas barcaças lá estacionadas. Agora é claro, é diferente, são os barcos de recreio.

Nos correios já não me lembro, mas para o Ramos Pinto fui ganhar 100 escudos por mês. Era telefonista recepcionista. Não era muito bom, mas pronto, era assim. Depois é claro, fui subindo aos pouquitos, mas também muito pouquinho. Era um bom emprego, mas forretas.

Vim aqui para a loja, porque o João estava sozinho com a menina e:

- "Tu vem, tu vem, tu vem."

Entretanto a minha madrinha deu-me a cota e eu cá fiquei. Eu penso que há 14 anos que estou aqui.



Maria do Céu Melo (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Casamento

"Não podia ter convivência com ninguém"

O meu marido era empregado também no Ramos Pinto, primeiro escriturário. Foi lá que eu o fui buscar. Sou mais velha que ele nove anos. É importante dizer isso. Mas temos um miúdo que é maravilhoso. Eu casei com 40 anos, porque da maneira como fui educada eu não podia ter convivência com ninguém.

- "Não, ainda é muito cedo."

Mais aqui, mais acolá. Claro, namorei com ele oito anos no Ramos Pinto.

A coisa chegou a uma altura e eu:

- Não, tem que ser e tem que ser.

Toca a deitar o barro à parede e pronto. Fizeram-me uma festa muito bonita.

Não olharam a nada. Ele também foi sempre muito amigo deles. Portanto, casei aos 40, aos 42 tive o meu Miguel, graças a Deus!

Descendência

"Deus deu-me este filho"

Eu não sei o que é ter um filho, eu não sei o que é estar grávida, não sei nada. Tive por cesariana. Deus deu-me este filho, hoje é um rapazinho que vai fazer 28 anos. Está muito bem empregado na Multitema, é técnico de vendas. Não pensa em cachopas. Diz que não tem tempo. Sou feliz graças a Deus. Ele pergunta-me:

- "Ó mãe, como é que está a loja?"

- Ó filho, olha, está assim e está assado.

Vai perguntando, mais nada. Mas ele também não tem tempo de vir para aqui. Ele tem a vida dele, os amigos dele.

Quotidiano

"Venho abrir a loja e leio o meu jornal"

Eu venho às nove horas abrir a loja, o meu primo mora mais longe, têm os miúdos para ir para a escola e essa coisa toda. Eu não tenho nada. Felizmente o meu filho já está grande, já não preciso de olhar por ele como eles precisam.

Venho abrir a loja e leio o meu jornal. Enquanto não aparece alguém. Depois eles vêm, mais uma coisa mais outra vamos almoçar à meia hora. Moro já aqui em cima, aqui à entrada da Rua Chã. Depois venho às 14h30. Às vezes um bocadinho mais atrasada, mas pouco e estou aqui até às 19h. Por vezes o filho passa, leva-me mais cedinho. À quarta-feira de 15 em 15 dias também não estou cá. Às 17h vou-me embora, porque tenho Conferência São Vicente de Paulo. Sou vicentina, portanto, tenho mais esse cargozito.

Rua

"Casa sim, casa sim era tudo comércio"

Mouzinho da Silveira, já nem sei quem é que ele foi. Sei que foi um grande homem. Senão, não davam o nome dele a uma rua. Eu já soube. Nos meus tempos de colégio soube na História, mas de momento não me lembro. Sei que foi um grande homem, não sei se foi para o Porto se foi para o país.

Casa sim, casa sim era tudo comércio. Aqui em cima era o Sebastião Brás que tinha pregos, cafeteiras, tudo assim. Sei que aqui pegado eram os botões, depois mais acima era uma casa de balanças e por aí fora. Havia uma mercearia.

Isso lembra-me. Ultimamente é que há casa de comidas. Pelo menos que eu me lembre. Não me lembro de ver nenhum restaurante aqui assim à flor da rua. Eu sei porque vinha aqui aos tios.

Quando andava no Ramos Pinto, eu tinha que vir à loja todos os dias, porque um dia que faltasse, no dia seguinte tinha um que logo me dizia:

- "Tu ontem não vieste cá, porquê?"

Eu estou esperançada que brevemente também a rua estará povoada. Com estas mudanças todas, com estas obras todas, vai mudar. Estou esperançada.

"Havemos de ter melhores dias"

Tudo condiz com a hora actual. Como diziam, no tempo das vacas gordas, aí, a vida corria muito bem. Agora é pior, mas pronto, havemos de ter melhores dias. Isto de tirarem as pessoas porque as casas estão velhas, porem-nas nos bairros... Ficou a rua vazia. E para quê? Para estarem aí as casas todas desabitadas, tudo a cair de velho. Isto na minha maneira de ver. Enquanto isto não for tudo restaurado e meter cá gente nova, isto não vai lá das pernas. Porque saiu daqui muita gente e gente muito boa, outros morreram. Para já, restaurar os prédios é a primeira coisa, porque estando os prédios restaurados, mais gente vem cá. Assim não, chegam ali à entrada:

- "Ui, que está tudo tão velho. Vamos para outro lado."

Portanto, estando a rua restaurada eu acho que isto vai ter outro movimento.

Uma rua com tanto movimento que é entrada e saída da cidade. Uma das entradas. É uma rua bonita desde que esteja restaurada. Tem prédios muito bons, com azulejos, eu adoro azulejos. A entrada está espectacular. Com aqueles azulejos lavadinhos, aquilo tudo restaurado. Imaginemos agora a rua toda restaurada.

Há só uma coisa que não está certa. É a gente parar o carro para descarregar qualquer coisa e vir logo a polícia. Eu acho que isso é uma falta de atenção. A polícia devia ver que se o carro não está parado à porta foi porque puseram aqui não sei quantos postes. Mas o meu primo pára

mais abaixo um bocadinho em cima do passeio, vem logo o polícia mandar tirar o carro. Não vê que estão a descarregar imagens ou outra coisa qualquer? Isso é que não está certo. A policia também devia ver o porquê de estar ali o carro parado e às vezes com a mala aberta.

Animação

"Distribui cartões por aqui por acolá"

Publicidade? Presentemente não estamos em altura de gastar assim com coisas supérfluas, no bom sentido da palavra. Eu acho que não é preciso. Toda a gente nos conhece e temos os cartões. O João, quando vai fazer restauros fora do Porto leva sempre cartões. Distribui cartões por aqui por acolá. Isso é que dá resultado.

Loja

"Ele já sabia que eu o que queria eram hóstias"

Esta é a Casa Coração de Jesus Joaquim da Silva Melo e Companhia. Foi sempre, na Rua Mouzinho da Silveira 302-304.

Com a abertura da Avenida da Ponte foi tudo abaixo. A nossa casa ficava à entrada da Avenida. Na parte que está toda escancarada há um prédio que tem uns arcos numa janela. Eram os fundos da nossa casa. Desde a Rua Corpo da Guarda até lá. Era esguia.

A loja vende artigos religiosos. Naquela época havia mais religiosidade que o que há agora e o meu padrinho foi sempre um homem muito ligado à Igreja. Tanto que ele foi condecorado Comendador pelo Santo Padre. Ele recebeu este título pelo Santo Padre, pelos feitos que ele fez à Igreja. Tudo aqui podia contar com ele. Agora não há tanta religiosidade. Não há tanta venda de artigos religiosos. Vê-se as igrejas mais vazias nos actos públicos e naquela altura não.

Na altura, parece-me que era lá que eles moravam. O fundador já não mudou para Mouzinho. Quem mudou para aqui foram os meus três tios, porque ele faleceu já há muitos anos. Então eu tinha três anos, ele tinha morrido há pouco tempo. Eu não me lembro dele.

Tenho muita pena de não os ter conhecido. Era um casal fora do vulgar. Tanto que morreu um e passados oito dias foi o outro que não aguentou a saudade.

Primeiro foi o meu padrinho e contava a minha madrinha que me criou que ela veio até à porta acompanhar a urna e que lhe disse:

- "Vai Joaquim que não estás muito tempo sem mim."

MARIA DO CÉU MELO



Aspecto da loja já na Rua Mouzinho da Silveira

Na missa de sétimo dia foram chamar os netos aflitos que ela não estava bem e morreu. Não o cheguei a conhecer porque aquela rua também era um bocadinho duvidosa. Da nossa loja para cima, as meninas não podiam andar lá. Eu hoje convivo com toda a gente. Falo a toda a gente. Ali com a camisaria Serra, com a menina daqui, mesmo aqui pegado, ali com o talho. Falo a toda a gente. Agora se vejo má cara, pronto, calo-me. Na minha rua é a mesma coisa. Quando eu era mais nova, não tinha convivência com ninguém porque era feio uma menina falar a toda a gente. Foi assim que eu fui educada, mas com colegas e tudo, falava. Porque na rua era bom dia, boa tarde, mais nada e está calada. Mas também já não há espaços específicos para esse género. Tanto que naquela altura tínhamos que dar a volta pela rua do Loureiro, quando logo ali à entradinha da rua quase da Sé tinha a Rua do Corpo da Guarda, mas vínhamos dar volta. Tinha o balcão e lembra-me de numa das portas que estava sempre fechada ter lá uns jornais. Lembro-me de me encostar muito ao tio Francisco. O tio João era mais não me toques. Então eu encostava-me ao tio Francisco e ele já sabia que eu o que queria eram hóstias. Havia assim umas latas grandes em que estavam ali as hóstias todas. Hoje não. Hoje vem tudo em saquinhos, em pacotinhos de 20. Então, ele ia lá e tirava uma, depois ele dava-me outra.

"Ele foi ver como era para fazer igual"

Antes parece-me que a loja era um banco. Um banco ou uma casa de seguros... Tanto que a sala é um cofre-forte. Quando o meu primo fez as obras quis tirar isto tudo fora e não conseguiu porque é tudo ferro. As paredes são todas de ferro. Antes das obras não era tão comprida a parte da loja, porque entre as colunas e a parede da loja havia um espaço grande e agora não. Aumentou-se a loja e isto ficou aqui mais pequenino. Havia aqui uma mesa grande, uma espécie de arca também muito grande. Tudo podre, tudo a cair. Os móveis foram todos feitos de novo. Da primitiva só está o frontal do balcão. Foi a única coisa que não estava podre, que não tinha bicho. Os lotes são iguais aos que cá estavam, mas ao tirar a parte de trás apareceu aquela parede toda, aquele lambrim todo em talha. Ficamos admirados quando vimos aquilo. Depois o meu primo mandou pintar o tecto a condizer. Na Avenida, salvo erro, há um banco que também tem um tecto igual ao nosso. Ele foi lá ver como é que estava e mandou fazer igual, com os dourados, com aquilo tudo. Tudo aquilo que está dourado, não estava. De maneira que ele foi ver como era para fazer igual.

Eu não fui costureira. Cá na casa havia três ateliês. Havia um na Sé, na minha madrinha, que era de bandeiras, de pálios, do grosso da paramentaria.

Havia outro em casa do tio João que eram as casulas, as dalmáticas, era outro género de paramentaria. Havia outro na casa do tio Francisco que eram as opas, não eram tão pesadas. Eu novita brincava lá na sala. Havia a sala de trabalho e eu brincava aí, às vezes, era um alfinete que caía ao chão e a Maria do Céu apanhava os alfinetes todos no fim do dia. Depois comecei por tirar alinhavos nos paramentos até que no fim já fazia mais alguma coisa que fosse preciso. Portanto, eu estava ali e punham-me a trabalhar, que eu gosto de trabalhos de mão. Não era trabalho infantil! Porque a minha madrinha foi criada também assim.

Na altura havia os bastidores grandes que eram para bordar a ouro tudo.

Então ela contava com muita piada que às vezes ia por baixo dos bastidores e batia para ver os alfinetes a saltarem no bastidor. Eu não cheguei a isso porque não era do tempo dos bastidores, se não também era capaz de fazer.

Daquilo que eu vi lá em Vilar, o bordado a ouro tem que ter muito requinte.

Primeiro é preenchido com linha. É plano, liso. Depois ao contrário vem o ouro que é enfiado numa agulhinha e aquilo ajusta-se ali muito direitinho. É só a parte de cima. É um trabalho engraçado. Não cheguei a bordar a ouro, mas cheguei a bordar a matiz. Também só lá estive dois anos.

Aqui a casa vendia tudo. Eu lembra-me de as irmãs lá em Vilar virem aqui. Foi aí que a minha madrinha conheceu o colégio. Vinham aqui buscar ouro para bordar.

O comércio tradicional tem por norma atender bem

Para mim as grandes superfícies, eu não posso dizer que não gosto delas. É raro eu agora ir assim às grandes superfícies porque tenho o meu tempo muito preenchido. Quer aqui e depois em casa tenho que fazer a minha vida. Só vou ao supermercado ao sábado, mas é supermercado. Agora o que eu entendo é que as grandes superfícies vieram estragar muito o comércio tradicional. Claro para quem o frequenta para eles é bom, porque entram e têm tudo. Então, no Inverno, em dias de chuva fazem ali tudo. Penso que até em Lisboa que há uma superfície que tem até capela. Uma pessoa que vá à missa, cumpre com o seu dever dominical. Vai para lá tem restaurante e tem para os miúdos brincarem.

Têm tudo. Portanto, nesse sentido eu aprovo. Para essa gente eu aprovo as grandes superfícies. Para nós, comércio tradicional, custa um bocadinho a aceitar porque vemos:

- "Ai eu comprei lá numa lojinha daqui e de acolá."

Mas às vezes não é. Às vezes são enganados. E porquê? Porque o comércio das grandes superfícies é tudo chinês. Esses mafarricos vieram-nos estragar a vida. Porque põem nomes trocados nas imagens, que eu já vi. Portanto, estragaram aí o comércio. Vêm aqui buscar uma Nossa Senhora.

- "Ah, mas eu vi ali uma tão bonita!"

Sabe Deus o que elas vêm.

As nossas imagens são tudo imagens boas. São caras, mas são boas. Não está a imitar nada. Não está a dizer que é uma coisa e é outra. É o tradicional que era o antigo. O antigamente.

Eu falo por mim, eu atendo bem quem me procura. Mas também já é uma índole minha. Para mim um cliente tem que ser bem atendido. Às vezes são bem chatinhos. Mas pronto, a gente faz das tripas coração.



Produtos da Casa Coração de Jesus (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Cientes

"Nem sabemos que eles são padres"

Nos tempos da Rua Corpo da Guarda e princípios daqui da rua eram os sacerdotes os nossos clientes. Além de fazer as suas compras, a maior parte das vezes até nem faziam nada, mas era para se sentarem nesses banco a conversar e a fazerem horas para comboio. Ganhámos grandes amigos assim. Agora vêm cheios de pressa, vem tudo cheio de pressa, porque têm o metro, têm

o comboio. É o fervilhar da hora actual. Às vezes nem damos fé que eles são sacerdotes porque vêm vestidos normalmente. Dantes havia um certo respeito porque:

- "Ai o senhor padre está aqui."

Agora às vezes se calhar diz-se alguma tolice e nem sabemos que eles são padres. É um sarilho! Então agora quando não podem mandam os seus empregados cá.

Além dos sacerdotes há também aqueles que vêm de fora, das aldeias que fizeram parte de uma Comissão de festas, que ganharam algum dinheiro com isso, mas não o querem deixar para a outra Comissão. Então vêm, ou mandam fazer bandeiras, ou mandam fazer opas. É isso.

E temos a venda então. Vende-se também relativamente bem imagens para oferecer. Porque houve um casamento, umas bodas de ouro, umas bodas de pratas e então oferecem uma imagem.

Produtos

Os produtos mais vendidos

Santo António, que é um vadio, está sempre a sair pela porta fora. É a Nossa Senhora de Fátima, São Judas Tadeu, Santo Onofre, Menino Jesus de Praga. De vez em quando lá vai um grande. Mas normalmente saem bastantes imagens. Não saem todos os dias, não, mas de vez em quando lá saem umas.

Avaliação

A internet como publicidade

Acho que é importante porque quem vai à internet procura-nos. Já tivemos clientes que nos procuraram porque viram na internet.

